



**Museo Integrado, Museo Integrador:  
más que 50 años de debates y  
prácticas desde el Sur**

**Museu Integrado, Museu Integrador:  
mais de 50 anos de debates e  
práticas a partir do Sul**

**Bruno Brulon Soares**

**Mario Chagas**

**Leonardo Mellado González**

**Karin Weil**

*Gravado 57.-Paj 210*

# U

Um marco incontornável na historiografia dos museus e da museologia a partir do Sul, a Mesa Redonda de Santiago do Chile, evento basilar para práticas e reflexões comprometidas com o papel ‘social’ dos museus, refletia, no contexto dos países da América Latina e do Caribe, uma onda de transformações no campo da cultura e das instituições que ganhava corpo e maior visibilidade a partir de 1972. Mas havia museus e museologias antes deste marco em nossa região. Este museu integral ou integrado (e integrador), enunciado naquele momento, não era apenas prospectivo, ou uma ideia aspiracional para os museus do porvir. Ele representava um clamor para que as práticas e experiências desenvolvidas nos países colonizados do Sul Global pudessem ser reconhecidas em sua potência transformadora e libertadora em face às agendas e teorias dominantes. Neste texto colaborativo, os autores propõem pensar um museu integral, integrado e integrador, concebendo o legado conceitual da Mesa Redonda em seus efeitos passados, presentes e futuros sobre a prática e a política dos museus em todo o mundo.

Neste sentido, vale lembrar que o museu integral era proposto em meio a um fluxo de novas perspectivas sociais que surgiam, nos países da América Latina, sob a influência das ideias presentes, por exemplo, na Pedagogia do oprimido de Paulo Freire<sup>1</sup> e segundo a Filosofia da Libertação de Enrique Dussel<sup>2</sup>, ambos preocupados com as visões de mundo das classes oprimidas. Tal conceito é, desde então, objeto de sucessivas interpretações e apropriações, tornando-se finalmente uma ideia conjugadora de múltiplas potências: ao mesmo tempo em que reflete necessidades e utopias, também aponta caminhos para novas práticas libertárias, isto é, por meio da integração.

Uma década antes, Frantz Fanon, pensador afro-caribenho que inspirou teorias e práticas anticoloniais, escrevia que o mundo colonial é um mundo compartimentado, dividido entre colonizados e colonizadores<sup>3</sup>. Imbuídos de sua visão, poderíamos ver a via da descolonização como um movimento de reintegração das partes da ferida colonial, de diferentes visões do mundo e pontos de vista, cujos laços foram rompidos por meio da violência colonial. Um museu integral-integrado-integrador pode ser lido, cinquenta anos depois de que foi proposto, como um convite a nos reconectarmos em busca da reparação de laços e e repensarmos nossa vocação museal, reorientando-a para a vida, não mais reproduzindo a morte como uma das consequências da ferida colonial.

O museu integral, proposto em Santiago do Chile, é um chamado aos museus em seu compromisso social, humanitário e ambiental, mas também expressa o reconhecimento do papel e da agência de movimentos sociais em sua penetração no campo da cultura e nas disputas identitárias que marcariam décadas de repressão e autoritarismo em muitos dos países da região. Desde 1972, o museu integrou-se às sociedades, incorporando as perspectivas e as vozes de vários grupos sociais e a museologia se comprometeu com diversos movimentos e identidades que contestaram o status quo e as ideologias dominantes. Mais ainda, no contexto específico dos países em nossa diversa e complexa região—comumente referida como América Latina e Caribe—vimos o florescer de práticas experimentais, de novos modelos e concepções que serviriam de base para um movimento museal de escopo internacional. A já datada Nova museologia, que se enunciou, nos anos 1980, a partir de pensadores europeus, teve os seus alicerces construídos também no Sul. O ecomuseu, proposto na França e depois disseminado como um modelo prático para a ação comunitária, representa, entre outras coisas, a aplicação mais conhecida do ‘museu integral’, reconfigurada no bojo da agenda ecológica elaborada por pensadores do Norte Global.

A Mesa Redonda ocorrida em Santiago do Chile, entre 20 e 31 de maio de 1972, organizada de modo conjunto pelo ICOM e pela UNESCO, promovia o debate regional sobre “o papel dos museus em relação às necessidades sociais e econômicas da América Latina moderna”<sup>4</sup>. Este evento foi considerado por alguns como um marco no processo de redefinição do museu e reavaliação da prática museológica na região; mas a Mesa também foi criticada por reproduzir a agenda nacional-desenvolvimentista de alguns estados-nação, veiculando uma pauta liberal que se expandia na região. A pesar da ambiguidade

dos debates, e da participação limitada a intelectuais e agentes de estado, não podemos negar o caráter revolucionaário da Mesa para a museologia. No contexto particular do ICOM, ela foi o primeiro evento internacional inteiramente falado em língua espanhola e incluindo pautas locais, como a reforma agrária, a desigualdade social entre os meios urbanos e rurais, a educação e a cultura como bases para a transformação dos povos... Foi, ainda, em Santiago do Chile que uma nova definição de museu se apresentava, pela primeira vez considerando o papel ativo das comunidades no funcionamento das instituições (ver o artigo sobre a atualização da definição de museu no número Towards Decolonisation).

A ideia de um “museu integral” serviria de base, na região, para inúmeras negociações entre os Estados e a sociedade civil sobre o sentido e as potencialidades do museu contemporâneo. A inegável importância da Mesa Redonda para a abertura dos museus às sociedades está ligada à promessa de um futuro de desenvolvimento rural e urbano, que relegou ao presente os efeitos das normativas e parâmetros internacionais para grupos marginais e excluídos das instituições ligadas ao poder dos Estados nacionais.

Mas em meio à tentativa de conciliação de discursos concorrentes, a proposição da ideia de “museu social”, definido como sinônimo de “museu integral e integrado”, foi concebida por participantes da Mesa, entre os quais, o argentino Mario Teruggi e o mexicano Mario Vázquez, tendo lançado mão de tal conceito pragmático que surgia em torno da “questão da integração entre os problemas rurais e urbanos” nas sociedades contemporâneas<sup>5</sup>. Os debates de Santiago do Chile certamente influenciaram o desenvolvimento posterior dos ecomuseus na França, com a ideia inspiradora de um “museu integrado às sociedades e ao seu meio”. Porém, no contexto do Brasil e de outros países sul-americanos, é sobretudo a noção de “museu social” que seria retomada, alguns anos depois, no surgimento da museologia social em relação direta com os princípios da Nova museologia difundidos pelo MINOM e pelo ICOM.

É em meio ao quadro de transformações políticas no contexto da América Latina, sobretudo após o fim dos regimes totalitários nos países da região, nos anos 1980, que os museus sociais irão assumir perspectivas “insurgentes” próprias a um momento de democratização das sociedades, da cultura e da memória, esta última percebida como um direito adquirido pelos diferentes grupos marginais e pelas minorias que passavam a se tornar visíveis para o Estado, no caso brasileiro, a partir da Constituição Federal de 1988. O que se nomeia hoje de “museologia social” representa a apropriação do museu e a ocupação do campo patrimonial por grupos minoritários, mas também o reconhecimento pelo Estado da necessidade de se redemocratizar o campo da cultura no Brasil.

Os textos que seguem são o resultado de um diálogo entre distintas visões sobre o legado da Mesa Redonda de Santiago do Chile para a museologia—uma museologia transformada pelo caráter integrador das práticas e ideias vindas do Sul. Os autores convidados partem de um ponto comum: o legado da ideia de ‘museu integral’ enunciada no Chile há cinquenta anos atrás. Eles vislumbram práticas e transformações, mas também consideram a potência libertária das ideias que circularam em Santiago e ganharam os corações de museólogas e museólogos ao redor do mundo. Longe de ser uma ideologia, o museu integral e integrador é um chamado à ação. À ação conjunta e solidária, como já nos chamava a atenção Fanon, que permite a reparação de laços partidos e a reconstrução, a partir dos fragmentos do passado, de um futuro feito de esperança e coragem.

**Bruno Brulon Soares**

## Museo Integral-Integrado-Integrador

**Leonardo Mellado González**

El presente texto se constituye a partir de diversas reflexiones e intercambio de ideas que se vienen generando y construyendo desde hace décadas por parte de la comunidad museística y museológica iberoamericana, principalmente aquella que se siente heredera de uno de los más importantes hitos museológicos de esta vasta región cultural. Nos referimos a la “Mesa redonda sobre el desarrollo y el papel de los museos en el mundo contemporáneo”, o como popularmente se le conoce, la Mesa Redonda de Santiago de Chile de 1972.

El año 2022, se conmemoraron los 50 años de este significativo evento que ha dejado sus huellas hasta nuestros días y donde han confluído una diversidad de ideas, prácticas, revisiones, propuestas, experiencias y desafíos sobre los cuales no podemos hacer oídos sordos.

En la diversidad de encuentros, congresos, seminarios, coloquios y conferencias que se desarrollaron a la luz de esta conmemoración, surgieron algunas comparaciones entre ese ayer y el hoy, como la emergencia o surgimiento de una serie de problemáticas sociales y ambientales a ser abordadas por los museos y sus comunidades. Así por ejemplo, compartimos la idea, con diferencias contextuales por cierto, de que los actuales tiempos que atraviesa nuestra sociedad es de una crisis innegable.

### **Cuestión de crisis**

Recordemos, como en sus resoluciones la mesa de Santiago señaló que:

Los cambios sociales, económicos y culturales que se están produciendo en el mundo, y sobre todo, en muchas de las zonas subdesarrolladas, constituyen un reto a la museología (... asumiendo que...) El momento que vive la humanidad es de profunda crisis. La tecnología ha propiciado un gigantesco adelanto de la civilización que no va a la par con el desarrollo de la Cultura. Eso propicia un desequilibrio entre los países que han alcanzado un gran desarrollo material y los otros marginados del desarrollo y aun avasallados a través de su historia. La mayoría de los problemas que evidencia la sociedad contemporánea están enraizados en situaciones de injusticia y las soluciones son inalcanzables mientras éstas no se corrijan (MRS, Resoluciones, 1972, p. 6).

Desde aquellas premisas, la crisis es entendida como una oportunidad de cambio para el concierto regional en una diversidad de aspectos en beneficio de la sociedad de la cual el museo pasa a ser un actor fundamental, llamado a sumarse a las transformaciones en beneficio de los pueblos.

Hoy esa idea de cambios vuelve a hacerse patente, expresada por ejemplo, en la crisis de la democracia dentro del complejo acontecer político; así como en las consecuencias del calentamiento global y la situación medioambiental y de sostenibilidad; el contexto sanitario, la creciente concentración de la riqueza en los grupos privilegiados e incertidumbre económica; las tensiones culturales e identitarias, entre muchos otros.

No podemos afirmar que los problemas que manifiestan las respectivas crisis son los mismos, pero sí los ámbitos están muy relacionados, pues manifiestan problemáticas globales similares, claro que con una notable diferencia que quisiera expresar desde mi subjetividad, y es que hoy falta una mayor convicción desde el mundo de los museos y en particular desde una visión regional, de que los museos son agentes para el cambio social, promotores y defensores de derechos y no subsidiarios de los mismos como parecen comportarse en la actualidad. Esto no quiere decir que antes lo hayan sido, pero sí había en su visión o

como prefiero llamar, una utopía museística y museológica, pero hoy se descansa en una declaración de voluntades, en fundamentos museológicos mucho más intelectualizados, pero con una praxis museológica con enfoque transformador más performática que real, más efectista que efectiva, sin desmerecer las aisladas iniciativas que nacen desde y con lo comunitario dignas de aplaudir.

### **“Anudando el pasado con el presente”**

En relación a lo anterior, otro importante elemento que nos vincula a la mesa de Santiago (anudando el pasado con el presente), y que hoy se constituye en una herencia que se refleja en la actual definición del concepto de museo, aprobada en la 26ª Conferencia General del ICOM celebrada en Praga en agosto de 2022, la Asamblea General Extraordinaria del ICOM, es el destacar su rol social.

En las resoluciones de la Mesa, el Museo integral, era definido como:

...una institución al servicio de la sociedad, de la cual es parte inalienable y tiene en su esencia misma los elementos que le permiten participar en la formación de la conciencia de las comunidades a las cuales sirven y a través de esta conciencia puede contribuir a llevar a la acción a dichas comunidades, proyectando su actividad en el ámbito histórico que debe rematar en la problemática actual; es decir anudando el pasado con el presente y comprometiéndose con los cambios estructurales imperantes y provocando otros dentro de la realidad nacional respectiva. (MRS, Resoluciones, 1972, p. 6)

Hoy, fruto de un proceso participativo de 18 meses en el que han intervenido cientos de profesionales de museos de 126 Comités Nacionales de todo el mundo, se acordó que:

Un museo es una institución sin ánimo de lucro, permanente y al servicio de la sociedad, que investiga, colecciona, conserva, interpreta y exhibe el patrimonio material e inmaterial. Abiertos al público, accesibles e inclusivos, los museos fomentan la diversidad y la sostenibilidad. Con la participación de las comunidades, los museos operan y comunican ética y profesionalmente, ofreciendo experiencias variadas para la educación, el disfrute, la reflexión y el intercambio de conocimientos.

Y si bien, desde el último tercio del siglo XX hasta ahora, la afirmación de que los museos están “al servicio de la sociedad” sigue vigente y refrendada en la nueva definición de museo, no es menos cierto que dicha sociedad ha cambiado, provocando que el supuesto ya no sea el mismo. La atención en torno al desarrollo y los avances tecnológicos, para mejorar las condiciones sociales, suponían un paradigma que en la actualidad es visto críticamente ya que el desarrollo material no se tradujo en un verdadero y significativo cambio para los habitantes de la región, puesto que las diferencias sociales, las discriminaciones culturales y la segregación siguen haciéndose carne, develándose con suspicacia un cambio de paradigma, obligándonos a poner atención en las actuales necesidades de la sociedad que deban ser atendidas desde los museos.

### **Del Museo integral-integrado al museo Integrador**

Sin alejarnos de las resoluciones de la mesa de Santiago, un museo debe ser integral, para comprender la realidad en su diversidad de problemáticas, tratando de encontrar soluciones desde miradas inter y transdisciplinarias. También debe ser integrado, por que es parte inalienable de la sociedad en la que se constituye, pero corre el riesgo de ser esencialista pudiendo ocultar viejas ideologías conservadoras, tradiciones inventadas, de comunidades imaginadas, supuestamente neutrales, con cartas de imparcial naturaleza. Como si eso existiera realmente.

Ser integral e integrado debe asumir de forma consciente que los museos neutrales no existen pues

siempre serán de alguna manera parciales, sean enciclopedistas, pseudo poseedores de la verdad y del conocimiento experto; por omisión como muchos museos de historia que han anulado la existencia de sujetos históricos como obreros, mujeres, infancias, disidencias sexuales, entre otros o para blanquear un relato colectivo, generalmente de elites económicas, sociales y culturales, donde los pueblos originarios y los afrodescendientes son invisibilizados, anulándolos con ello de la construcción histórica de una memoria colectiva.

Ante ello, un museo integral e integrado hoy también debe ser integrador. Que, por ejemplo, en museos de arte sean capaces de asumir la escasa presencia de producción artística femenina en las colecciones, más por sesgo que por falta de exponentes. De asumir que indígenas, afros, mestizos, blancos, hombres, mujeres e infantes, pueden compartir y reescribir sus historias con igual valor, pero respetando sus diferencia, saberes y creencias en su diversidad, pero no con perspectiva multicultural sino intercultural, esto quiere decir, de forma integradora, pero nunca integrista. Que no esconda o anule la diversidad sexual como parte del ser diverso, así como también a otras y otros excluidos como las personas en condición de calle, los pobres de las ciudades, los migrantes, los habitantes del mundo rural -considerados en el '72- así como aquellas personas en condición de discapacidad.

Sin lugar a dudas, dichas diversidades hoy son más visibles que ayer, también en contextos museales, pero no necesariamente porque los museos convencionales o tradicionales hayan hecho algo al respecto, sino porque las mismas comunidades han decidido crear sus propios museos como los ecomuseos, los museos comunitarios, los de base comunitaria, los museos de barrio, de favelas, a cielo abierto, escolares, entre otros, y que más que asumir teorías museológicas a priori, han hecho camino al andar y están dejando una huella imborrable en la acción museística desde hace décadas.

Pero ser integrador también significa acortar todo tipo de brechas que puedan impedir el acceso y la participación de las comunidades en los museos. Allí no basta con reducir el valor de la entrada, sino también trabajar a escala si pensamos en las niñeces, ancianos y personas con movilidad reducida en las exhibiciones. Es también facilitar los textos explicativos por medio de escritos de lectura fácil, o colaborando activamente por medio de ejercicios educativos y de mediación con enfoque pedagógico y no solo de difusión, generando aprendizajes significativos o simplemente que humanice las acciones culturales y muestras, muchas veces más preocupadas del diseño estético ajustadas a aspectos procedimentales y protocolares que a ser significativas para las personas.

En este sentido, es imposible negar que las nuevas tecnologías hoy juegan un rol destacado, sin embargo la brecha digital, que ha sido profundizada durante la pandemia reproduce una serie de desigualdades, como por ejemplo las que se dan entre el mundo rural y el urbano, sobre todo en cuanto a la participación como públicos de museos, un factor a considerar a fin de propiciar la integración. De igual forma ocurre con las brechas culturales y educativas, que en muchos casos generan más segregación. Es allí, donde los museos en su servicio a la sociedad, deben transformarse en agentes promotores conscientes de estos cambios, verdaderos artefactos de transformación social integradora y al mismo tiempo sostenibles socioambientalmente.

En resumen, integrar, para los estados y por supuesto para los museos, significa proteger y promover la diversidad cultural: pilar fundamental de la identidad de los pueblos, e inseparable del respeto a la dignidad humana y a todos los derechos humanos, plasmados en el patrimonio cultural declarado en la Conferencia Mundial de la UNESCO sobre Políticas Culturales y Desarrollo Sostenible (MONDIACULT 2022). En otras palabras, ser integrados también significa responsabilizarse de los temas ambientales, de la memoria y del reconocimiento de las diversidades culturales, así como de la búsqueda de la integración regional. Esto quiere decir que en esta lógica, ser integrador significa también asumir las problemáticas medioambientales, las de memorias y de reconocimiento de las diversidades culturales, así como también la búsqueda de una integración regional.

Es por todo ello que los museos en general y en especial los de la región, deben abrirse a nuevos cambios que nacen desde movimientos intelectuales, sociales y culturales abiertos a nuevos y no tan nuevos enfoques que persiguen el reconocimiento a la diversidad en todos los aspectos (por ej: de género, sexual, cultural), por tanto y como se señalara en 1972, integral e integrado, pero también integrador; paritario; inter y transdisciplinar; intergeneracional –que considere releve el rol de las infancias, juventudes y adulteces- ; propositivo, inclusivo; intercultural; sustentable y contextual, situado y con enfoque regional, puesto que los museos tienen el poder de (transformar) y mejorar al mundo.

Esto es lo que intentamos llevar a cabo, dentro de las más recientes conmemoraciones y la realización de una nueva Mesa Redonda de Santiago, titulada “Revisiones del pasado, problemáticas del presente y desafíos del futuro. Encuentro y reflexión crítica sobre el rol de los museos desde LAC al mundo”, En la que se propone visitar la historia, identificando las tendencias actuales y las oportunidades en el campo de la museología, teniendo como eje esencial la participación activa de las comunidades.

En conclusión, debemos asumir la responsabilidad colectiva de garantizar que los museos sean herramientas sociales, situadas en el centro de las comunidades y sus territorios. Debemos asegurarnos de que fomenten la participación local en la creación de cambios, forjando así nuevas narrativas en su enfoque de los problemas contemporáneos; también debemos asegurarnos que respeten el pasado y las posiciones que han ganado, mientras se proyectan hacia el futuro. Deben cuestionar el concepto de identidad, preguntando “¿quiénes somos?” Además, deben ser lugares donde se forjen narrativas por consenso y desde la diversidad. Si bien la Mesa Redonda de Santiago de 1972 planteó muchos desafíos que no respondieron del todo a los problemas contemporáneos que ahora enfrentamos, sigue siendo la motivación, el impulso y hasta la justificación para cuestionar cómo incorporar nuevos enfoques y prácticas a la museología global con preguntas que buscan nuevas respuestas desde un ¿dónde?, un ¿por qué?, un ¿de qué forma? y un ¿para quienes? particularmente desde nuestra América Latina, hacia el mundo.

## Museos comunitarios, experiencias de integración al servicio de la salud planetaria: Ejemplos del sur de Chile

**Karin Weil**

Cada pueblo tiene su historia, irrepetible por cierto,  
y es evidente que donde se convocan,  
ya sea espontánea o de manera planificada,  
un grupo de familias para vivir,  
es allí en ese espacio que se crea la vida comunitaria,  
se manifiestan los saberes y se enfrentan las dificultades  
propias del existir...  
(<https://museolacasadelabandera.com/nosotros/>)

La Mesa redonda sobre el desarrollo y el papel de los museos en el mundo contemporáneo, se considera un hito relevante, especialmente para la denominada nueva museología, no sólo por su amplia convocatoria de especialistas de sectores tan diversos como la agricultura, el urbanismo, la ciencia y tecnología, la educación y la museología, sino también por desafiar a los museos a convertirse en un agente más para enfrentar la situación de crisis en la que estaba sumida la sociedad, resumida por Mostny (1972)<sup>6</sup>. Transcurrido 50 años de este encuentro, y el primero de muchos llamados a pensar los museos, su quehacer y contenido, desde una perspectiva más integrada a las necesidades e inquietudes de su territorio, no fue una quimera. El concepto de museo integral es palpable en muchos rincones de la región de América Latina y el Caribe en la actualidad. Los museos comunitarios, ejemplos vibrantes del denominado museo integral, son organizaciones de base, vivas, donde la función social no sólo es central sino transversal en su quehacer museológico. Se desarrollan en un territorio concreto, sensibles y potencialmente inciden en las dinámicas socioculturales que en ellos tienen lugar. Se convierten en actores sociales vitales que contribuyen a la regeneración del tejido social de sus comunidades principalmente porque son un reflejo de los diferentes procesos sociales, políticos, culturales, económicos y medioambientales que tienen lugar en ellas.

En la región de América Latina y el Caribe, estos museos tienden a desplegar con certeza su integralidad y surgen como resultado de sus mismos orígenes de base y el ejercicio práctico y situado, centrado en procesos profundos que conciernen a las vidas, emociones y bienestar de las personas y su territorio. Es así que se transforman en espacios seguros que van configurando diversidad, complicidad y fraternidad. Si bien el contexto histórico, político y social en el que se dió la Mesa de Santiago de Chile el año 1972, no es el mismo que existe hoy en la región, los desafíos y las desigualdades socioecológicas siguen existiendo, luchas en otras dimensiones que aún siguen invisibilizadas, así como también la normalización de la precariedad de estos mismos espacios. Es por esto que hoy más que nunca cobra vigencia el concepto de Museo Integral, haciendo alusión no sólo a un edificio, sino a un territorio, su dimensión cultural, natural, el presente y el pasado de sus pobladores en un contexto ecosistémico. Poner al servicio del bienestar y su territorio, los dispositivos de exposición, las colecciones, su contenido y narrativa, facilitar procesos de diálogo, tensionar la diversidad, promoviendo espacios que permitan la transformación social, parecen ser los nuevos desafíos a los que el museo se ve interpelado. Asimismo, se propone como una nueva forma de entender la función social, orientada más bien a una que busca integrar el pasado y el presente, la diversidad de especies que cohabitan un ecosistema y la relevancia de pensar las historias y la memoria desde una perspectiva situada y respetuosa de la polifonía.



## **Museo de Sitio La Casa de la Bandera y Museo Despierta Hermano de Malalhue: dos ejemplos de museos integrados en el sur de Chile**

La Villa Santa Lucía<sup>7</sup> es una pequeña localidad o caserío en el sur de Chile, situada en la vertiente occidental de la cordillera de los Andes en un territorio que ha sido históricamente sometido a una intensa modelación glaciaria y actividad volcánica. Fundada el año 1982 en el marco de la construcción de la Carretera Austral, proyecto liderado por el dictador Augusto Pinochet, cuyo propósito fue dar conectividad al sur austral del país, uniendo por vía terrestre las regiones más aisladas hasta llegar a la Patagonia chilena. Ubicada en la comuna de Chaitén, región de los Lagos, y cuya población aproximada era de 136 habitantes y 71 viviendas. En diciembre del año 2017 gran parte de la localidad fue arrasada por un aluvión originado por las intensas precipitaciones registradas este fin de semana sumado al desprendimiento de un glaciar. Una de las catástrofes más grandes del sur de Chile, que arrasó con toda la flora y fauna del lugar, destruyendo por completo 28 viviendas e infraestructura pública, además de dejar completamente anegada y aislada la localidad. Fallecieron en el lugar 21 personas y 11 resultaron heridas, no sólo a causa del aluvión sino también por varios incendios provocados minutos después del desastre natural.

Un año después de esta catástrofe surge el Museo de Sitio La Casa de la Bandera<sup>8</sup>, en el marco de un reencontro de vecinos y amigos de la familia cuya casa no alcanzó a ser destruida por completo. La misma familia pone al servicio de la comunidad un espacio que no busca hacer énfasis en la tragedia vivida sino más bien en cómo esta se transforma en una oportunidad de reflexión y diálogo sobre la vida y aquello que trasciende.

Es un museo testimonial, un espacio de memoria y catarsis familiar, homenaje a tod@s quienes fueron partícipes en las faenas de recuperación y la proyección de un lugar cuya historia reciente promueve una resiliencia colectiva y la esperanza de volver a ver nacer la vida. Hace mención a la historia y origen de la localidad, la vida cotidiana de la Villa y su entorno. En un país altamente vulnerable a los impactos de la crisis climática y en el que los eventos climáticos extremos aumentan en frecuencia e intensidad, este espacio es también una invitación a pensar la relación intrínseca del ser humano y su medio ambiente. Malalhue es una pequeña localidad urbana, dependiente administrativamente de la comuna de Lanco, en la parte norte de la actual Región de los Ríos, valle del río Leufucade. Se trata de un centro poblado por aproximadamente 2.500 habitantes con una vocación eminentemente agrícola. Desde su incorporación territorial hacia 1917, fecha en la que se crea administrativamente la comuna de Lanco, el sector jugó un rol relevante en la dinámica humano/cultural de sus habitantes. Centra sus raíces en la cultura mapuche hasta mediados del s. XIX, en que se comienza a habitar el territorio por colonos chilenos especialmente asociado al extractivismo maderero y las actividades forestales. En un contexto de relaciones interétnicas e interculturales en la década de 1940, el pueblo se ve enfrentado a un contexto de vulnerabilidad socio/administrativa. Gracias a la organización civil malalhuina se logró el reconocimiento como pueblo el año 1947. Etimológicamente la palabra Malalhue proviene de las comunidades mapuche que han habitado este territorio y su significado hace referencia al lugar donde se juntan las aguas “lugar cercado” y donde bajaba el ganado.

El Museo Despierta Hermano de Malalhue<sup>9</sup>, nace el año 1996 de una propuesta comunitaria-escolar, con el propósito de rescatar la memoria de la cultura mapuche, recordar y hacer presente la pertenencia de este pueblo a la comunidad y construir de manera participativa el valor de la interculturalidad. Fue un esfuerzo del grupo extracurricular del Liceo República del Brasil de la misma ciudad en conjunto con las organizaciones tradicionales de los pueblos originarios del territorio. Actualmente el Museo se ha convertido en un gran baúl familiar, albergando diversos objetos que se han conservado y traspasado por generaciones, dando cuenta de la identidad de todos quienes forman parte de la Comunidad malalhuina.

Es así como a partir de la iniciativa del museo, se promueve e incentiva la integración cultural y el sentido de comunidad basado en el respeto a la diversidad y su entorno. Ambos casos presentados ejemplifican con claridad como un museo puede convertirse en un espacio que facilita procesos de transformación de la realidad social, como respuesta a diversos conflictos de carácter socio-político, socio-cultural o socio-natural y colaborar en la construcción de sociedades más resilientes y adaptadas al contexto de crisis climática en el que vivimos.

En cada uno de los casos presentados se evidencia el rol del museo como agente de cambio social, un activo donde el sentido de pertenencia se proyecta y encarna en una comunidad que privilegia relaciones de colaboración y reciprocidad basadas en el bien común y el afecto.

Los museos no constituyen un espacio en sí mismo, hoy más que nunca nos ofrecen la oportunidad de comprender la diversidad y complejidad de los ecosistemas integrando el pasado y el presente, construir y deconstruir narrativas a partir de los saberes y conocimientos tradicionales, como también la investigación interdisciplinaria. Poner al servicio de las comunidades los soportes infográficos y expositivos, las diversas actividades de mediación, es una forma de abrir y poner en práctica la escucha activa e integrar las voces de innumerables grupos silenciados por décadas, invisibilizados y aislados al no ser y hacerse partícipes y portadores de los discursos oficiales validados por las mayorías. Entender la diversidad y los contextos polifónicos, descentralizar los discursos, velar por los sentidos compartidos que nos permiten crear y proyectar una comunidad situada en su territorio. Integrar a la comunidad en cada uno de los procesos y funciones museológicas no es más que pensar en la vigencia y potencial del Museo Integral planteado hace 50 años en la Mesa Redonda de Santiago de Chile.

## A Mesa Redonda De Santiago Do Chile E A Pedra De Exu

**Mario Chagas**

*Exu matou um pássaro ontem,  
com uma pedra que jogou hoje.*

I

O ditado Iorubá aqui apresentado em epígrafe nos coloca frente a frente com o tempo como questão teórica, conceitual, filosófica. Passado, presente e futuro estão mobilizados nesse ditado, não em linha reta, mas em sinuosas, em volta e revolta e circunvoluções. Trata-se de um aforismo ancestral que indica que Exu – Orixá da comunicação e da linguagem, mensageiro entre esferas distintas – tem a capacidade de atravessar o tempo. Se Exu pode matar ontem com uma pedra que jogou hoje, é possível admitir que ele também possa matar hoje com uma pedra que jogou ontem ou com uma pedra que vai jogar amanhã. Nessa perspectiva, Exu é um atravessador de tempos. Assim, as conexões entre os museus e Exu são mais fortes do que se poderia imaginar. Os museus também são ou podem ser atravessadores de tempos, conectores do ontem com o hoje (logo com o amanhã) e do hoje com o ontem, que um dia foi hoje e foi amanhã.

II

O espírito da Mesa Redonda de Santiago do Chile (MRSC) talvez seja uma espécie de Exu. Ele tem a capacidade de se movimentar do presente (logo do futuro) em direção ao passado e do passado (que um dia foi futuro) em direção ao presente. A Mesa Redonda de Santiago do Chile atira uma pedra do passado e atinge o presente e atira uma pedra do presente e atinge o passado. Será a graça de Exu que dá fundamento à Mesa Redonda de Santiago do Chile? – eis uma boa hipótese.

III

O mapa político-histórico da América Latina em 1972, em perspectiva democrática, indica o Chile como inspiração. Lá, na ocasião, tinha-se a oportunidade de vivenciar um governo socialista, democraticamente eleito. No alvorecer da década de 1970, o Chile configurava-se como uma ilha democrática cercada de ditaduras por todos os lados e, por isso mesmo, acolhia exilados brasileiros. Lá estavam Mario Pedrosa<sup>10</sup>, Darcy Ribeiro<sup>11</sup>, Thiago de Melo<sup>12</sup>, Juca Ferreira<sup>13</sup>, Fernando Gabeira<sup>14</sup> e outros.

O ano de 1972 aportou para o Brasil e para o mundo muitas novidades, tragédias, tensões e contradições. No exílio, em Londres, Caetano Veloso gravou o emblemático e revolucionário disco Transa<sup>15</sup>; o tropicalista Torquato Neto<sup>16</sup> suicidou-se e a libertadora Leila Diniz<sup>17</sup> morreu em acidente de avião. Nesse mesmo ano o presidente Richard Nixon<sup>18</sup> dos Estados Unidos da América (EUA) foi reeleito e dois anos depois renunciou em decorrência do escândalo político de corrupção que ficou conhecido como Watergate. A renúncia teve o objetivo de contornar o inevitável processo de impeachment.

IV

Entre 1972 e 2022 muita coisa aconteceu. O golpe de 11 de setembro de 1973, apoiado pelo governo norte-americano marcado pelo Watergate, atentou contra o Estado Democrático de Direito no Chile, impôs uma ditadura militar sanguinária, corrompeu as instituições democráticas e em termos museais interrompeu um processo extraordinário que passava pela Declaração de Santiago do Chile, mas também pela construção do Museu da Solidariedade<sup>19</sup>, que contava com a energia criativa de Mario Pedrosa.

Por mais que tenham havido tentativas de silenciamentos da Mesa Redonda, o seu impacto na América Latina e um pouco por todo o mundo foi notável, especialmente a partir da década de 1980. Nesse sentido, merecem destaque as reverberações provocadas pelas declarações de Quebec, Canadá, e de Oaxtepec, México, ambas de 1984. A Declaração de Quebec é especialmente responsável pelo lançamento do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom), que viria a ser fundado em 1985, em Lisboa, Portugal.

Em 1992, no âmbito da Eco 92, foi realizado na cidade do Rio de Janeiro o I Encontro Internacional de Ecomuseus. Esse Encontro foi marcante e decisivo. Foi durante a sua realização que se firmaram parcerias entre professores e pesquisadores portugueses e brasileiros que se projetam até a atualidade, com grandes realizações em termos de pesquisas, cursos, seminários, teses, dissertações, publicações e mais.

Ao longo dos últimos 50 anos é possível testemunhar os avanços da Mesa, mas também é possível reconhecer os seus limites. Constitui, sem dúvidas, um grande avanço apontar na direção da função social dos museus, reconhecer o compromisso dos museus no combate às injustiças sociais, na defesa da educação permanente e assim por diante; todavia, limites podem ser identificados na pauta liberal desenvolvimentista, na falta de uma perspectiva participativa, na orientação para a prática de uma museologia “para” e não de uma museologia “com” e muito menos de uma museologia “in-mundo”.<sup>20</sup>

## V

A retomada de uma perspectiva museal libertária na América Latina foi gradual e sistemática. Pode-se falar de uma museologia social, de uma museologia crítica, de uma museologia popular, de uma museologia decolonial, de uma museologia insurgente e insubmissa ou mesmo de uma museologia biófila, em oposição à necropolítica<sup>21</sup>. O que importa reconhecer, em todos estes casos, é que se está falando de uma museologia que não se esgota no discurso, que não se aprisiona nas grades disciplinares de alguns procedimentos acadêmicos, mas que antes convoca a academia para assumir compromissos sociais e se ancora e se sustenta na vida prática, na práxis.

As tentativas de barrar os avanços da museologia social pipocaram no Brasil, especialmente na primeira década do século XXI, mas foram enfrentadas com rigor e sistemática, tanto na ordem do discurso quanto da prática. A multiplicação de experiências de museologia social pelo território brasileiro contribuiu para silenciar (ainda que temporariamente) as vozes mais recalcitrantes, especialmente aquelas que se camuflavam de neutralidade política e se mantinham à sombra de biombos pseudo-técnico-científicos.

É por isso que se pode dizer que no Brasil a museologia social traz o signo do avanço, da mudança, da inovação. A museologia normativa, conservadora, disciplinada é que é a resistência, a reação, o reacionarismo.

Síntese: o passado, o presente e o futuro da Mesa – fazem parte da semente que explode no aqui e agora e, em alguma medida, também são a pedra lançada por Exu do hoje para o ontem, do ontem para o hoje, do amanhã para o hoje, do hoje para o amanhã e assim por diante.

## VI

O avanço da museologia social a partir do início do século XXI foi radical. Olhando para o Brasil eu gostaria de dizer que é indispensável reconhecer a conexão da museologia social com a democracia. Não de uma democracia qualquer, mas de uma democracia participativa, radical. Nesse sentido, não basta democratizar o acesso do público aos museus, isso é bom, mas é pouco; é preciso, do ponto de vista da museologia social, democratizar a ferramenta museu, o meio de produção de museus. É preciso investir na cidadania cultural<sup>22</sup> e reconhecer que o acesso à cultura e à educação, o acesso às instituições culturais e educacionais não é igual para todos.

A pandemia contribuiu para escancarar as desigualdades, para escancarar o racismo estrutural e as práticas antirrepublicanas e necropolíticas.

A museologia comprometida com a cidadania, com os direitos humanos, com a democracia, com o bem comum e o bem viver está bem ancorada na América Latina, isso não significa que se pode descansar e dormir em paz. Ao contrário, é necessário seguir em sua sustentação permanente e na defesa cotidiana da museologia biófila e não da necropolítica. É evidente que defender acervos e patrimônios que dialogam com processos identitários é importante, mas, ainda assim, é preciso reconhecer que o nosso maior patrimônio é a vida, é o bem viver, são os ancestrais, são os rios, as florestas, os mares, a harmonia com a natureza. Esse é o nosso maior patrimônio.

Síntese: A museologia que não serve para a vida, não serve para nada! A museologia que não cuida da vida, não cuida de nada!

## VII

Uma leitura crítica da Mesa indica o reconhecimento de sua importância e a necessidade de avançar e romper os seus limites. Nesse sentido, é indispensável, visando a construção de uma política pública de museus, assumir o compromisso com a educação; com a acessibilidade plena; com o combate ao racismo estrutural e ao racismo religioso; com a defesa radical da dignidade da pessoa humana, dos direitos humanos e da cidadania; com a defesa dos direitos dos povos originários, dos quilombolas, das comunidades tradicionais, dos favelados, da comunidade LGBTQIA+; com a defesa da natureza e dos direitos da natureza; com a articulação em redes (temáticas, singulares, municipais, estaduais e nacionais) de museus que podem trabalhar a favor da construção de um futuro com mais cidadania cultural; com um trabalho sistemático a favor da democratização das mídias; com a afirmação de um museu comprometido com a produção de mais saúde, alegria, encantamento e felicidade e, portanto, a favor da museofilia.<sup>23</sup>

## VIII

Ao comemorar os 50 anos da Mesa Redonda de Santiago do Chile nos colocamos frente a frente com a pedra de Exu. Lançada do presente na direção do passado ou do passado na direção do presente, a pedra produz impactos. Tanto ela pode levar questões do presente para o passado, quanto ela pode trazer questões do passado para o presente. A pedra de Exu indica que tudo está em movimento. O passado não passou, continua sendo; o futuro e o presente também seguem sendo.

Há uma pedra de Exu atirada no meio do caminho do mundo museal contemporâneo e ela precisa ser enfrentada. Do ponto de vista poético estamos nos referindo à pauta identitária, uma espécie de pedra de Exu colocada no meio do caminho. Como colocar em diálogo as universalidades e as singularidades? Como manter um diálogo fértil entre as pautas universais e as pautas identitárias?

Em meu entendimento, não se pode abrir mão (no mundo contemporâneo) das pautas identitárias, elas são urgentes e exigem ação. A fome é urgente e é negra, e é indígena, e é parda. Combater os crimes ambientais é urgente. Lutar contra o racismo religioso e estrutural é urgente. Lutar e denunciar o genocídio do povo preto, do povo negro no Brasil é urgente. Apoiar a luta e lutar contra a dizimação sistemática dos povos originários é urgente. Combater os crimes praticados contra as mulheres e a comunidade LGBTQIA+ também é urgente.

Em meu entendimento, não se pode e não se deve abrir mão das pautas identitárias, elas são urgentes e fundamentais; mas é preciso abrir um diálogo criativo com as pautas universalistas que têm potência agregadora, que têm capacidade de produzir união e conexão a causas e lutas mais amplas e transformadoras, capazes de gerar benefícios sociais comuns.

Do ponto de vista poético e mítico, não importa de que tempo Exu tenha lançado a pedra, importa é que a pedra foi lançada e que a pedra atingirá o alvo. A movimentação entre tempos distintos, a capacidade de operar como ponte entre saberes distintos, entre culturas distintas, a capacidade de ser elo, elemento de ligação, é própria do Museu e da Mesa Redonda.

Ao celebrar os 50 anos da Mesa nos damos conta de que ela é uma pedra de Exu.

## Notas

1. Freire, P. (1987 [1968]). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
2. Dussel, E. (1977). *Filosofía de la liberación* (Philosophy of Liberation). Mexico: Editorial Edicol.
3. Fanon, Frantz. (2004 [1961]). *The Wretched of the Earth*. New York: Grove Press. p. 3.
4. UNESCO (1973). 'The role of museums in today's Latin America.' *Museum International*, XXV, 3.
5. Guido, H. F. (2012 [1972]). 'Relatório Final. Mesa-redonda sobre o desenvolvimento e o papel dos museus no mundo contemporâneo. Santiago do Chile, 20 a 31 de maio de 1972.' In J. do Nascimento Junior, A. Trampe & P. A. dos Santos. *Mesa Redonda sobre a Importância e o Desenvolvimento dos Museus no Mundo Contemporâneo* (pp. 118-141). Brasília: IBRAM. p. 130.
6. Mostny, Grete. 1972. 'The development and importance of museums in the contemporary world.' *Boletín Mensual Museo Museo Nacional de Historia Natural*, Nº 190-191:3-4.
7. [VILLA SANTA LUCIA](#)
8. [Museo La Casa de la Bandera](#)
9. [Museo Comunitario Despierta Hermano de Malalhue](#)
10. Nasceu em 1900, em Timbaúba (PE) e faleceu em 1981, no Rio de Janeiro. Foi advogado, escritor, jornalista, crítico de arte e idealizador do Museu da Solidariedade, no Chile, em 1972.
11. Nasceu em 1922, em Montes Claros (MG) e faleceu em 1997, em Brasília (DF). Foi antropólogo, educador e político.
12. Nasceu em 1926, em Barreirinha (AM) e faleceu em 2022, em Manaus (AM). Foi poeta, jornalista e tradutor; teve atuação de destaque na carreira diplomática.
13. Nasceu na Bahia, em 1949. É sociólogo e político em atuação. Foi Ministro de Estado da Cultura nos governos Lula e Dilma.
14. Nasceu em 1941, em Juiz de Fora (MG). É jornalista, escritor e político em atuação.
15. *Transa* é um LP gravado em 1971 no Chappell Recording Studios, em Londres, e lançado pela gravadora Philips, em janeiro de 1972.
16. Nasceu em 1944, em Teresina (PI) e faleceu em 1972, no Rio de Janeiro (RJ). Foi poeta, letrista e um dos idealizadores da Tropicália.
17. Nasceu em 1945, no Rio de Janeiro (RJ) e faleceu em 1972. Foi atriz e mulher libertária.
18. Richard Milhous Nixon (1913-1994) foi o 37º presidente dos Estados Unidos (1969-1974).
19. Ver o site: <https://santiagodochile.com/museu-de-la-solidaridad-salvador-allende/>
20. Ver o site: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/revpat\\_35.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/revpat_35.pdf)
21. Conceito, cunhado por Achille Mbembe, referindo-se às "formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte" (p. 146) Mbembe A. *Necropolítica*. Arte & Ensaios 2016; (32):123-51.
22. Ver o livro de Marilena Chauí, disponível em: [https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/08/chaui\\_web\\_compressed-1.pdf](https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/08/chaui_web_compressed-1.pdf)
23. Ver o livro [https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Livro\\_Seresta\\_Meu-Coracao-Bate-Feliz\\_site-22052020-B.pdf](https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Livro_Seresta_Meu-Coracao-Bate-Feliz_site-22052020-B.pdf)

A tradução em inglês deste artigo está disponível no site da Routledge, por meio deste link: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13500775.2022.2234189?src=recsys>  
Se você for membro do ICOM, poderá acessá-la gratuitamente em sua área de membros. Para obter mais informações, entre em contato com [publications@icom.museum](mailto:publications@icom.museum)

La traducción al inglés de este artículo está disponible en el sitio web de Routledge, a través de este enlace: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13500775.2022.2234189?src=recsys>  
Para los miembros del ICOM, pueden acceder al artículo gratuitamente a través del área para miembros. Para más información, pónganse en contacto con [publications@icom.museum](mailto:publications@icom.museum)